

WILLIAM WORDSWORTH

Prestamos com êste trabalho uma homenagem ao poeta inglês William Wordsworth, cujo centenário de morte se verificou a 23 de abril de 1950.

Nasceu em Cockermonth, em Cumberland, no dia 7 de abril de 1770. Orfão ainda, no alvor da juventude veio a saber, por intermédio de um amigo íntimo, que sua mãe se preocupava a seu respeito, pois dizia ela: Dos meus 5 filhos, William é o que mais me preocupa, porque êle será notável de qualquer forma, quer para o bem, quer para o mal."

E é o poeta que nos explica: "A causa disso era o meu temperamento obstinado, violento e irritadiço; lembro-me certa ocasião em que me dirigi ao sótão da casa do meu avô, em Penrith, afim de por têrmo a existência, por alguma afronta recebida. Sabia que lá se encontravam os floretes. Tomei de um dêles, mas faltou-me coragem. Noutra ocasião, ainda em Penrith, brincava eu com o meu irmão mais velho, Richard; açoitávamos pião na sala de visitas, onde o tapete era colocado sômente em dias de gala. Pendiam das paredes os quadros dos membros da família. E eu disse ao mano: "Você é capaz de atravessar a saia daquela velha com o seu chicote?"

— "Não, eu não!" — "Pois então tire uma linhada". E o meu chicote atravessou mesmo e eu fui convenientemente punido.

Tivesse Wordsworth sido tão bom auto-crítico de suas obras quanto o fôra da conduta, a posteridade talvez não recebesse quantidade tão grande de versos medíocres. Mas êsse não era o seu feito.

Parece ter sido leitor voraz, porém foi retirar as suas inspirações não das obras lidas mas dos primeiros contactos com a Natureza.

Em outubro de 1787 matriculou-se no St. John's College, em Cambridge. Apesar dos escrúpulos de consciência expressos no longo poema autobiográfico, *The Prelude*, que êle, na insensatez da juventude, pouca atenção devotara ao impressionante ambiente, contudo, muitos dos encantos claustrais da Universidade acham-se poetisados com fidelidade carinhosa.

Até durante os anos de universidade era meditativo e susceptível de belezas cênicas; quanto ao resto era algo rústico, possuindo confiança em si próprio, mas sem grande devoção aos estudos. As suas simpatias prendiam-se à vida simples do campo. Gradualmente sua mentalidade alargou-se, as simpatias se expandiram e um passeio à Suíça e à França colocou-o em contacto com a atmosfera revolucionária do continente. O radicalismo que o absorvia levou-o a crer que tudo que se encontrava na "ordem estabelecida" estava errado. O resultado foi que se tornou radical e ardente agitador em prol da democracia. Mas as esperanças na Revolução Francesa e nos seus princípios se desmoronaram, pois a tal democracia francesa se transformou em agressão militar, levando o seu programa e impondo a sua doutrina pelas armas. Como resultado, Wordsworth tornou-se completamente desiludido e essa desilusão se estendeu à humanidade também. Durante dois anos viveu envolto numa nuvem de desespero e de confusão. Acrescente-se a isso a crítica desfavorável feita aos seus poemas e melhor compreenderemos a desilusão.

" Dorothy, sua irmã, foi quem lhe valeu nesse transe:

"She gave me eyes, she gave me ears,
And humble cares, and delicate fears;
A heart the fountain of sweet tears;
And love, and thought, and joy."

"Deu-me ela olhos, deu-me ela ouvidos,
E cuidados humildes, e lágrimas delicadas;
Um coração, fonte de lágrimas melifluas;
E amor, pensamento e alegria".

Resolveu, então, escrever a respeito da natureza e das pessoas que viviam intimamente com ela, mas num estilo simples e natural.

Depois de fixar residência no *Lake District* com Dorothy, pôs em prática a nova e revolucionária teoria poética.

Com o amigo Coleridge pôs-se a escrever poemas que, reunidos no *Lyrical Ballads*, em 1798, tornariam os dois poetas famosos.

É exatamente no Distrito do Lago, nos lugares denominados *Grasmere* e *Rydal* que Wordsworth passa 50 anos de sua existência.

Casou-se com sua prima, Mary Hutchinson, em 1802, mas embora a união fôsse feliz e pacífica, não alterou a sua vida imaginativa, tão pouco inspirou-lhe grandes versos. Mary no entanto era muito boa esposa e companheira interessante, porém como influência não pode rivalizar-se com Dorothy ou Coleridge. Durante os anos finais Wordsworth aumentou mais ainda os círculos de amizade. Keats visitava-o e admirava-o, Rogers demonstrou ser amigo sincero; Sir Henry Taylor, jovem admirador, apresentou-o

aos seus amigos e Crabb Robinson seguia o movimento literário Wordsworthiano com o respeito de um discípulo.

Realmente, depois de negligenciado por muitos anos tornou-se respeitado.

Em 1843, com a morte do poeta laureado Robert Southey, coube-lhe a dignidade do posto.

A sua obra porém já estava escrita e os poucos anos restantes de vida foram dedicados às amizades pessoais, não sendo, portanto, de grande interesse para o mundo literário.

Faleceu no Rydal Mount, Lake District, no dia 23 de abril de 1850.

A SUA OBRA

Tencionava Wordsworth como poeta buscar beleza nos prados, nas matas, e nos topos das montanhas, e interpretar essa beleza com termos espirituais. Constantemente espiritualiza as disposições da *natureza* e delas retira consolação moral; a sua característica principal era dedicar-se, não aos aspectos estranhos e remotos da terra e do céu, mas à Natureza nos seus fatos ordinário, familiar e diário.

As melhores obras escreveu ele entre os anos 1796 e 1808. Embora tenha vivido até 1850, e escrevesse até o último momento, há apenas brilhos ocasionais de seu gênio após 1808.

De um modo geral podemos afirmar que o declínio da inspiração poética e o declínio do entusiasmo revolucionário sincronizaram.

Wordsworth republicano é o grande Wordsworth; Wordsworth *tory* é poeta de 2.^a e 3.^a categorias.

Alguns dos brilhos ocasionais após 1808 foram concretizados nos poemas *The Recluse*, parte pelo menos e nos Sonetos *I thought of Thee* (c. 1820), *Scorn not the Sonnet* (c. 1823). Mas a antiga força, a velha mágica, raramente, se apresentam, enquanto que no período inicial a produção é extraordinariamente igual e de alta qualidade.

Si olharmos para o poeta e considerarmos primeiramente a sua visão geral sobre a vida, verificaremos que ele se preocupa com duas coisas — *A Natureza* e *O Homem*.

Esse assunto é bem mais difícil do que parece a primeira vista.

Na *Natureza*, o poeta se preocupa bem menos com as manifestações sensuais, que delicias a maioria dos poetas ingleses, do que com as espirituais revestidas dessas manifestações. A primavera e o narciso são para ele símbolos da mensagem da Natureza para o homem; a grandeza da torrente da montanha o atrai porque ele pode unir mentalmente a sua beleza com a glória das nuvens flutuantes, com o encanto do rosto feminino.

I WANDERED LONELY AS A CLOUD.

I wandered lonely as a cloud
That floats on high o'er vales and hills,
When all at once I saw a crowd,

A host, of golden daffodils,
Beside the lake, beneath the trees,
Fluttering and 'dancing in the breeze.

Continuous as the stars that shine
And twinkle on the Milky Way,
They stretched in never-ending line
Along the margin of a bay.
Then thousand saw I at a glance
Tossing their heads in sprightly dance.

The waves beside them danced, but they
Outdid the sparkling waves in glee;
A poet could not but be gay
In such a jocund company.
I gazed — and gazed — but little thought
What wealth the show to me had brought;

For oft, when on my couch I lie
In vacant or in pensive mood,
They flash upon that inward eye
Which is the bliss of solitude;
And then my heart with pleasure fills,
And dances with the daffodils.

O nascer do sol para Wordsworth não é um aparato de côres,
mas sim um momento para consagração espiritual:

"Magnificent

The morning rose in memorable pomp
Glorious as e'er I had beheld — in front
The sea lay laughing at a distance; near
The solid mountain shone, bright as the clouds,
Grain-tinctured, drenched in empyrean light;
And in the meadows and the lower grounds
Was all the sweetness of a common dawn —
Dews, vapours, and the melody of birds,
And labourers going forth to till the fields.

.....

My heart was full; I made no vows, but vows
Were then made for me; bond unknown to me
Was given, that I should be, else sinning greatly,
A dedicated Spirit".

"Magnificente

A manhã nascia numa pompa memorável
Gloriosa como sempre a vira — em frente
O mar jazia sorridente a certa distância; perto
A sólida montanha resplandecia, brilhante como as nuvens,

Escarlates, embebidas na luz empirea;
E nos prados e nas planícies
fazia tãda a doçura de uma aurora comum —
Orvalho, vapor, e a melodia dos pássaros,
E trabalhadores caminhando para lavrar os campos.

.....

Meu coração se extasiava; Eu não fazia votos, mas os votos
Eram então feitos para mim; promessa desconhecida por mim
Era feita, que eu deveria ser, de outro modo pecando grandemente,
Um Espírito dedicado”.

Com o espetáculo externo das coisas, com a profusão desnorteante da Natureza, com a sua vida profusamente concreta, com os seus enigmas, com a sua atração mágica para os olhos e para o sentido do tato, êle pouco se importava.

Mas o poeta gigante se apaixonava pela atração sonora. O ouvido lhe dizia respeito e é por aí que êle sente a Natureza, porque sômente pelo som pode êle interpretar a consolidação particular e a benção que êle busca. Ouve atentamente as notas discordantes apenas para distinguir a harmonia que existe “dentro da paz central no âmago da agitação infindável.”

É verdade que Coleridge, Byron, Shelley e Keats também foram poetas da Natureza, mas o foram de maneira bem diferente. Há, é verdade, um ponto comum entre Wordsworth e Shelley. Fugindo da norma dos contemporâneos, êles intelectualizavam a Natureza; suas músicas, cada qual gloriosa no seu feitio (a sua moda), estão colocadas em linguagem transcendental. São bem mais do que poetas da Natureza, são profetas da Natureza. Por quê *Profetas?*

Porque se preocupam mais em explicar do que descrever ou pintar; porque se preocupam mais em exultar diante da sua íntima significação do que maravilhar-se pela sua beleza. E assim nós os vemos correndo sempre numa única direção: *dos fatos externos para as idéias*, isto é, do concreto para o abstrato.

Mas si Wordsworth e Shelley possuem um fim comum em vista, a maneira de atingir êsse fim é bem diferente. Wordsworth afirma que a paz e a ordem se encontram no âmago dos seres; Shelley diz que é o amor; o método de Shelley é bem difusivo; o de Wordsworth é concentrativo. Por isso Shelley encontra expressão num grito — algumas vêzes na dor, algumas vêzes na alegria — mas nos momentos mais apaixonados, num grito; pois a mente de Shelley sempre estava inundada de sonhos maravilhosos.

Já Wordsworth não possui nada do visionário na sua meditação espiritual. É claro que êste método de repressão redundava em limitações. Variedade, luz e sombra são necessariamente sacrificados, porém êle produzia algo mais profundo, mais intenso,

o que levou Matthew Arnold a dizer que “os seus melhores trabalhos tinham força nua, simples e penetrante”.

Busca êle, na poesia, o êxtase espiritual e a apresentação poética, tentando sempre a união de ambos. Ser profundamente místico e nobremente poético, eis a sua constante preocupação.

O perigo que se apresenta é que do misticismo para a fórmula teológica medeia pequena distância, e quando o Moralista prega a Imaginação se oculta. Assim nasce o *Didacticismo*, um dos pontos atacados pelos criticos, talvez porque, quando o deseja, sabe dar expressão delicada e sùtil ao deleite simples e sensual do Mundo da Natureza. Sabe sentir a alegria elementar da *Primavera*:

“It was an April morning; fresh and clear.
The rivulet, delighting in its strength,
Ran with a young man's speed; and yet the voice
Of waters which the river had supplied
Was softened down into a vernal tone.
The spirit of enjoyment and desire,
And hopes and wishes, from all living things
Went circling, like a multitude of sounds”.

“Era uma manhã de abril; fresca e clara.
O riacho, gozando a sua força,
Corria veloz como um jovem; e contudo a voz
Das águas que o rio armazenara
Fôra abrandada num tom vernal.
O espirito de gôzo e vontade,
E as esperanças e desejos, de todos os seres vivos
Rodopiavam, como uma multidão de sons”.

Sente prazer diante do lago plácido:

“The calm
And dead still water lay upon my mind
Even with a weight of pleasure, and the sky,
Never before so beautiful, sank down
Into my heart, and held me like a dream”.

As águas
Calmas, tranqüilas e mortas jazem na mente
Até mesmo com um peso de prazer, e o firmamento,
Jamais tão belo, desceu em meu coração, e me sustinha como num
Isonho.

Um rápido estudo dos quadros cênicos de Wordsworth, com suas felicidades rítmicas, mostrará ao estudioso o poder peculiar do poeta em atualizar o som e o seu antônimo o silêncio.

Ainda aqui um contraste interessante se apresenta com Shelley. Wordsworth é o poeta auditivo, Shelley, visual.

Wordsworth é felicíssimo, poeticamente falando, quando expressa alguma fase do silêncio, ou tonalidade de som.

Foi Shelley quem disse que Wordsworth despertara “uma espécie de pensamento no sentido”. Vejamos algumas passagens:

"The winds that would be howling at all hours
And are up-gathered now like sleeping flowers".
O vento que está gemendo a tôda a hora
Enrolou-se como flôres adormecidas agora.

"To lie and listen to the mountain flood
Murmuring from Glaramara's inmost caves".

Jazer e escutar a torrente da montanha
Murmurando nas recônditas cavernas de Glaramara.

"A gentle shock of mild surprise
Had carried far into his heart, the voice
Of mountain torrents".

"Emoção suave de surpresa agradável
Fizera penetrar profundamente em seu coração, a voz
Das torrêntes da montanha"

Poucos poetas se impressionariam pelo som, pelo ruído, pela música, pelo silêncio da natureza, ao invés de tomar como ponto de partida o efeito pictórico das torrentes. Shelley, sem dúvida nenhuma, se deliciaria em descrever o efeito prismático dos raios solares através das águas. E até nas ocasiões onde o-som deveria impressioná-lo, ele prefere o colorido.

Tomemos, como exemplo, a famosa *Ode to the Skylark*: (alguns versos, naturalmente)

Hail to thee, blithe spirit!
Bird thou never wert,
That from heaven, or near it,
Pourest thy full heart
In profuse strains of unpremeditated art.

Higher still and higher
From the earth thou springest
Like a cloud of fire;
The blue deep thou wingest,
And singing still dost soar, and soaring ever singest.

In the golden lightning
Of the sunken sun,
O'er which clouds are bringhtning,
Thou dost float and run,
Like an unbodied joy whose race is just begun.

Salve espírito feliz!
Pássaro tu nunca foste,
Que longe ou próximo do céu
Despejas todo seu coração
Em notas profundas de arte impensada.

Cada vez mais alto
Da terra tu sobes

Como uma nuvem de fogo;
O azul profundo tu vãos,
E cantando ainda sobes, e subindo cantas sempre.

Na luz doirada
Do sol posto,
Sôbre o qual as nuvens brilham
Tu flutuas e perpassas
Como uma alegria incorpórea, cuja corrida apenas começou.

Se passarmos agora para a conhecida descrição do patinar, no poema *The Prelude*, perceberemos que Wordsworth passeia como que trazendo as antenas sempre prontas para captar as ondas sonoras:

"So that the darkness and the cold are fled.

.....

Meanwhile the precipices rang aloud,
The leafless trees and every icy crag
Tinkled like iron, while far-distant hills
Into the tumult sent an alien sound
Of melancholy not unnoticed".

"Assim a escuridão e o frio se dissiparam.

.....

Entrementes os precipícios ecoavam fortemente,
As árvores nuas e todo despenhadeiro congelados
Retiniam como ferro, enquanto colinas distantes
Enviavam, no tumulto, som estranho
De melancolia pressentida".

A quietude da tarde e a longa tranqüilidade dos campos atraíam-no:

"It is a beauteous evening calm and free,
The holy time is quiet as a nun
Breathless with adoration, the broad sun
Is sinking down in its tranquillity".

"How sweet it is, when Fancy rocks
The wayward grain, to saunter through a wood!
An old place full of many a lovely brood,
Tall trees, green arbours, and ground flowers in flocks;
And wild rose tip-toe upon hawthorn stocks."

É linda tarde calma e livre,
A hora sagrada está quieta como uma religiosa
Suspensa em adoração, e o grande sol
Mergulha na sua tranqüilidade".

Que delícia, quando a Fantasia embala
O caprichoso cérebro, para saracotear através da mata!
Um antigo lugar cheio de encantadoras ninhadas,
Altas árvores, verdes caramancheis, e multidões de flores no chão;
E rosas silvestres nas pontinhas dos pés sobre os espinhais.

O mesmo método é usado para se aproximar do *Homem*. Assim como na Natureza Wordsworth passa do concreto para o abstrato, também, ao tratar da humanidade, êle se preocupa menos com os indivíduos do que com certas qualidades comuns a êles. Foi a Natureza que lhe inspirou os primeiros versos e fêz com que se dedicasse à vida da imaginação interpretativa; e foi através dos olhos da Natureza que êle enxergava o homem, pairando não nos acidentes de temperamento ou disposição que diferenciam os homens e as mulheres, mas naquelas qualidades primárias da humanidade em que o Homem e a Natureza se tocam e se misturam.

Assim o seu amor pela Natureza se transporta para o pastor e o habitante do vale e daí para os homens e mulheres comuns, com alegrias e tristezas comuns.

As simpatias republicanas dos seus primeiros anos ou 1.^a fase poética deram brilho aos quadros da vida rural onde o real e o ideal se tocam e se misturam, e o simples se espiritualiza.

Na segunda fase poética, quando o conservatismo latente de sua natureza obteve maestria, e quando êle se esquivou da senha revolucionária que inspirou Shelley através de tôda a vida, a caracterização wordsworthiana é menos segura, e onde êle se comprazia em deixar os seus quadros contarem as suas próprias histórias, procura agora dar ênfase a alguma moral particular.

Observa os homens com um olhar de quem procura alguma atitude particular para retratá-los.

Sòmente eliminando os acidentes e permitindo a emoção ser "relembada na tranquilidade", sòmente galgando as alturas da contemplação e livrando-nos dos pequenos cuidados e distrações poderemos obter uma visão verdadeira e fiel da vida humana. Essa era a opinião de Wordsworth.

Afastando-se o homem da natureza e do seu toque mágico nada mais êle é do que uma creatura pobre, e quanto mais nos afastarmos dela mais mesquinhos nos tornamos. Este é o assunto do seu extraordinário Soneto *The World is too much with us*.

The world is too much with us: lat eand soon,
Getting and spending, we lay waste our powers:
Little we see in Nature that is ours;
We have given our hearts away, a sordid boon!

The Sea that bares her bosom to the moon;
The winds that will be howling at all hours,

And are up-gathered now like sleeping flowers;
For this, for everything, we are out of tune;

It moves us not. — Great God! I'd rather be
A Pagan suckled in a creed outworn;
So might I, standing on this pleasant lea,

Have glimpses that would make me less forlorn;
Have sight of Proteus rising from the sea;
Or hear old Triton blow his wreathèd horn.

Melhor seria povoar as matas e as correntes, as planícies e o oceano, com ninfas e deuses, e reter algo da simplicidade e da austera tolerância da Natureza, do que entregar as nossas almas à mera acumulação de riqueza e a vida superficial de prazeres.

Passemos agora para os métodos do artista literário, para a maneira do poeta, ao invés do pensador e do seu assunto.

As formas adotadas por Wordsworth são a narrativa, a lírica, a elegíaca e o soneto.

A poesia narrativa é lançada de quando em quando no metro heróico, algumas vezes no da balada, mas êle obteve distinção em ambos os tipos. É verdade que o seu verso de balada não possui o entusiasmo e a sonoridade de um Walter Scott, mas exhibe força adequada e ternura casta não rivalizadas pelos contemporâneos. De um modo geral na poesia wordsworthiana, a simplicidade tende para a trivialidade, mas nas baladas como *Lucy Gray*, não há trivialidade para prejudicar a força e a beleza singela da história.

Sua força narrativa é considerável. Mas não é aqui que Wordsworth atinge a sua pujança máxima, pois que o interesse maior jaz no espiritual e não no físico.

Tôda a força de seu gênio se encontra na forma elegíaca, na lírica e no soneto. Ao lermos os poemas narrativos raramente sentimos o brilho da imaginação romântica, mas se deixarmos a Musa Meditativa surgir à tona então o fervor romântico brotará enérgicamente.

Deu êle à lírica um frescor e uma doçura de grande originalidade para a literatura lírica. O tipo elizabetiano já se tornara estereotipado. Wordsworth deu-lhe novo alento. Não possui a força e versatilidade de Shelley, mas preparou o caminho para aquêle gênio lírico consumado, tratando de temas da vida rural como inspiração. A suavidade e a graça delicada de poemas como *Three Years She grew; She dwelt among the Untrodden Ways; I wandered lonely as a cloud*, batidos como são, são inegaláveis no seu gênero.

Há certa qualidade metálica no estilo poético de Wordsworth, que dá força e grandeza às inspirações mais felizes, e impressiona nos momentos inspirados. Mas boa ou má, a qualidade metálica está sempre presente; às vezes é ouro que nos dá, às vezes é alu-

minio, porém há sempre a inflexibilidade, a implasticidade do metal.

Tôda a sua teoria poética se encontra exposta no prefácio do *Lyrical Ballads* onde afirma empregar "uma seleção de linguagem realmente usada pelos homens... na vida humilde e rústica, procurando lançar sôbre o assunto descrito "certo colorido de imaginação." "O meu fim era imitar, e, tanto quanto possível, adotar a língua dos homens"; portanto Wordsworth acreditava em evitar personificações de idéias abstratas e o que é geralmente chamado "dicção poética". Para êle "poesia é o transbordar de sentimentos poderosos" e "nasce de emoção recordada na tranqüilidade". Nem sempre, porém, seguiu êle êsses preceitos, pois "a linguagem realmente usada pelos homens... na vida humilde e rústica" deveria ser a rica infusão para a dicção poética de dialeto rápido e a rica expressão idiomática do camponês iletrado; mas êle expurgou o discurso rústico de tôdas as convenções particulares, tirando assim todo o sabor individual.

Se na forma lírica êle se saía bem, no soneto e na elegia sobrepujava-se a si mesmo. Impressionado pelos sonetos Miltonianos, escreveu 500 sonetos, e dentro dêles algum há que pode muito bem figurar entre os 10 melhores sonetos do mundo.

Os poemas elegíacos, conjuntamente com as *Odes*, são trabalhos admiráveis e nos mostram como Wordsworth fundia o pensamento metafísico com o sentimento lírico. A Natureza com o espírito que anima e transcende a Natureza, eis o tema de *Tintern Abbey*, e *Ode on Intimations of Immortality*.

Há então efeito cumulativo na poesia de Wordsworth. Qual é a sua nota dominante? Não é estática, nem alegre, nem trágica, mas é profundamente tranqüila e restauradora.

A nossa apreciação das *Odes* depende, até certo ponto, de nossa simpatia com seu ponto de vista metafísico; mas até aquêles que não simpatizam com o idealismo da infância de Wordsworth não podem deixar de admirar a felicidade rítmica que abunda nas *Odes*, felicidade que passou para a língua inglêsa e se incorporou nela.

HYGINO ALIANDRO

Assistente da Cadeira de Língua Inglêsa
e Literatura Anglo-Norte-Americana.
(U.S.P.).